

O USO DA BIOGRAFIA E DA HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM HISTÓRICO: o bispo D. Waldyr Calheiros de Novaes

Luiz Fernando Mangea da Silva¹

RESUMO

O artigo que ora apresento tem como objetivo de análise os primeiros passos do alagoano Waldyr Calheiros de Novaes desde a sua infância no interior do estado de Alagoas até a sua nomeação como bispo titular da Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda. Essa análise foi feita por meio da biografia, da memória e da História Oral. Fazer esse exercício teórico e metodológico torna-se um instrumento importante para a construção do personagem histórico desse artigo, pois um trabalho centrado em biografias e em interações com as redes sociais é, em parte, pensar nessas relações, que podem permitir ao indivíduo modificar as leis sociais que regem o próprio grupo e/ou instituição. Nesse sentido, buscaremos analisar como o bispo conectava-se e relacionava-se com a sua rede familiar, com as múltiplas instâncias da Igreja e com os grupos sociais. Desse modo, pensaremos nos significados simbólicos de sua experiência e das suas ações concretas, por intermédio da interpretação da biografia do bispo. Sendo assim, poderemos perceber que a análise social e pastoral se desloca em um sentido mais amplo, à medida que há a interação do clérigo com outros atores sociais, pois ele fazia parte de uma elite eclesiástica, além de transitar por organizações civis e militares. Em vista disso, buscaremos compreender como a rede em que estava inserido D. Waldyr o influenciou, não só em sua formação e atuação, como também, o lugar social e religioso ocupado pelo bispo.

Palavras-chave: biografia, memória e D.Waldyr Calheiros de Novaes.

ABSTRACT

The article aims to present either analysis the first steps of Alagoas Waldyr Calheiros de Novaes from his childhood in the state of Alagoas until his appointment as titular bishop of the Diocese of Barra do Piraí/Volta Redonda. This analysis was done by means of biography, memory and oral history. Do this exercise theoretical and methodological becomes an important tool for the construction of the historical character of this article, as a job-centric biographies and interactions with social networks is, in part, think of these relations, which may allow the individual to modify the social laws governing the own group and/or institution . Accordingly, we will try to analyze how the bishop plugged up and was related to the family network, with multiple instances of church and social groups. Thus, we will think in symbolic meanings of their experience and their concrete actions, through the interpretation of the biography of the bishop. Thus, we realize that social analysis and pastoral moves in a broader sense, as there is interaction with other social actors cleric, since he was part of an ecclesiastical elite, in addition to transit military and civilian organizations. In view of this, we will seek to understand how the network that was inserted D. Waldyr

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Severino Sombra (Vassouras/RJ), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Tatyana de Amaral Maia. E-MAIL: lfms.lui@ig.com.br.

influenced, not only in their training and performance, as well as the social and religious place occupied by the bishop.

Keywords: biography, memory and D. Waldyr Calheiros de Novaes.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma breve análise sobre a biografia e a trajetória de vida do alagoano, Waldyr Calheiros de Novaes, desde a sua infância na cidade de Muricy até a sua nomeação para bispo titular da Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda, no sul do Estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, torna-se fundamental, logo no início do artigo, discutir o uso da biografia e do relato de vida para compreender qual o lugar que o bispo D. Waldyr ocupou na escala institucional da Igreja Católica e sua atuação junto aos movimentos sociais ao longo da sua atuação eclesial.

Além disso, teço considerações sobre a formação intelectual do biografado, passando por sua rede familiar e o círculo de amizades com seminaristas e outras autoridades da hierarquia da Igreja Católica. Para que possamos compreender como a rede social em que estava inserido influenciou-o, e como o bispo pode ter influenciado padres, leigos, movimentos pastorais e sociais ao longo de sua trajetória religiosa.

Todavia, este artigo pretende trazer para o campo historiográfico uma reflexão acerca da história social, da história regional, bem como, a importância do papel desempenhado pelo indivíduo no tecido social a partir da segunda metade do século XX.

O USO DE BIOGRAFIA NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Com a *Escola dos Annales*, a historiografia francesa passou a valorizar a contribuição epistemológica da ciência histórica como uma história-problema. Isso se constituiu por meio da memória, da história oral e da narrativa biográfica para a construção do personagem histórico do indivíduo.

Para o historiador medievalista, Jacques Le Goff, a ciência histórica define-se pela indagação e pelo testemunho dos indivíduos. Desse modo, Le Goff ressalta que:

Tal é o significado do termo grego e de sua raiz indo-europeia *wid-, weid-, “ver”*. Assim, a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. Esse aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica desse tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração; mas, também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história testemunho por intermédio do “retorno do evento” (Nora), ligado à nova mídia, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da “história imediata”.²

Anteriormente, uma parcela significativa dos historiadores, principalmente aqueles defensores da história política tradicional totalizante, preocupados com os grandes acontecimentos, pensavam que as classes populares não podiam ser objeto de estudo da história, exceto por meio de uma abordagem quantitativa ou demográfica.

Com efeito, juntamente com a crítica ao fato histórico e a realidade histórica, essa corrente historiográfica negligenciava a história econômica, social e cultural, deixando de fora temas como as greves operárias, os hábitos de consumo e os de produção dos indivíduos, além das condutas, das práticas e dos rituais que remetiam à realidade oculta subjacente no imaginário e na experiência simbólica do vivido.

Partindo desse silogismo historiográfico, faremos uma análise do uso de mecanismos como o estudo da biografia, da memória e da História Oral. Além disso, como esses mecanismos podem ser utilizados na construção do personagem histórico do biografado, Waldyr Calheiros de Novaes. Assim sendo, podemos partir da seguinte premissa: como o historiador pode se utilizar da trajetória de vida³ de um indivíduo como seu objeto de pesquisa?

Nas últimas décadas, vêm sendo discutidos, na historiografia, os limites e as possibilidades da utilização desses mecanismos. Com a proliferação dos estudos voltados para a biografia, principalmente com o advento das experiências “cotidianas”, da “subjetividade” e da filosofia da história, alguns historiadores ligados à história política totalizante, preocupados com os estudos de ênfase no coletivo, têm criticado esse processo.

² LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 11.

³ Souza define o conceito de trajetória de vida da seguinte forma: “Esse conceito levanta uma questão central para a historiografia, que é sobre as possibilidades de se escrever a vida de um indivíduo”. Ver em: SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

Contudo, as mudanças que ocorreram na historiografia, no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, permitiram aos historiadores inserir, no seu campo de pesquisa, a biografia. Para Sabina Loriga: “A crise, de gravidade e de importância desiguais, da interpretação marxista, do modelo estrutural e da análise cliométrica estimulou a estender e a aprofundar a noção histórica de indivíduo.”⁴

Com isso, as décadas de 1970 e de 1980 acirraram os debates sobre o uso das várias abordagens da História. Como por exemplo: de que forma o historiador deveria captar uma determinada realidade social? Os historiadores devem se preocupar mais com campo epistemológico da abstração? Numa tentativa de explicação coerente dos fatos históricos, mergulhar nos arquivos para explicar o passado? Tal como realmente aconteceu? A busca de uma história totalizante? Como queria a tradicional História Política? Introduzindo na discussão a História Política e a História Cultural esses questionamentos. Em vista disso, Adriana Barreto de Souza afirma que:

Uma aproximação da antropologia e da história da arte, porém, tem permitido a re-elaboração dos termos desse debate e a realização de uma nova leitura do sentimento de crise experimentado por parte dos historiadores na década de 1970. O incômodo gerado pelo retorno da biografia é de ordem epistemológica: o que está no centro do debate, sendo contestado, é a própria oposição entre o local e o global, entre o singular e o universal.⁵

Os antropólogos colocaram o imaginário e a linguagem dos indivíduos e dos grupos sociais no centro de suas pesquisas. As manifestações artísticas e as representações simbólicas dos indivíduos e dos grupos sociais passaram a emitir signos e linguagens que foram pesquisados pelos historiadores da cultura. Peter Burke, explica como os historiadores foram influenciados pelos antropólogos:

Entre os antropólogos mais cuidadosamente estudados pelos historiadores estão Marcel Mauss, sobre o fenômeno do dom, Edward Evans-Pritchard, sobre bruxaria, Mary Douglas, sobre pureza, e Clifford Geertz, sobre Bali. Quando Claude Lévi-Strauss estava no auge da fama, nas décadas de 1960 e 1970, inúmeros historiadores se sentiram atraídos por suas abordagem estruturalista, descobrindo, muitas vezes, que ela resistia à apropriação.⁶

⁴ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

⁵ SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR**, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

⁶ BURK, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 48.

Assim, o mal-estar inicial provocado pela irrupção da biografia foi, aos poucos, sendo dissipado, e o estudo de trajetórias individuais passou a ser incorporado nos trabalhos dos historiadores culturais, preocupados com uma determinada realidade social.⁷

Logo, a possibilidade de pesquisas biográficas com indivíduos passou a ser aceita pela historiografia, desde que esses indivíduos se situem nos marcos permitidos pela sua época de atuação, levando em consideração o contexto social. Para Roger Chartier: “Essa interpelação suscitou uma profunda preocupação, já que, durante muito tempo, a história havia esquivado sua pertinência à classe dos relatos e havia apagado as figuras próprias de suas escrituras, reivindicando seu cientificismo.”⁸

No entanto, a história política totalizante cientificista via a biografia, de certa forma, como um mecanismo frágil no que se refere à explicação dos fatos históricos devido a sua superficialidade, pois tal crítica fundamentava-se no argumento de que era dada ênfase demasiadamente à cronologia. Nessa direção, Pierre Bourdieu aponta que:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da escrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em seqüência ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) tem de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada. (...) Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais freqüência, como fins, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido.⁹

⁷ No que se refere à realidade social Souza nos lembra que “O social é – nessa perspectiva – resultado da ação de indivíduos”. Portanto, ao invés de partir do princípio de que existem classes ou grupos organizados profissional ou socialmente, e proceder à organização de prosopografias, o historiador deveria concentrar-se na trajetória de alguns (ou de um) indivíduos para, através delas, percorrer em múltiplos espaços e tempos as relações nas quais eles se inscrevem. Ver em: SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.**

⁸ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 12.

⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191..

Todavia, as possibilidades que se abrem para o historiador atualmente é fazer com que seu objeto de pesquisa dialogue com outros campos do saber como: a sociologia, a ciência política, a ciência da religião, a psicologia e a antropologia, utilizando-as numa abordagem interdisciplinar, porém na perspectiva da História Cultural). No entanto, sobre essa possibilidade que se abre a “nova historiografia” Le Goff ressalta que:

A história seria feita segundo ritmos diferentes e a tarefa do historiador seria, primordialmente, reconhecer tais ritmos. Em vez do estrato superficial, o tempo rápido dos eventos, mais importante seria o nível mais profundo das realidades que mudam devagar (geografia, cultura material, mentalidades: em linhas gerais, as estruturas).¹⁰

A historiografia totalizante contrapôs-se, de certa forma, ao que propôs a antropologia histórica, pois essa parte da ideia de que a história não é imóvel, há movimento na evolução histórica. Essa evolução encontra-se nos objetos das ciências sociais, já que seu objeto de investigação são as sociedades humanas, isto é, a experiência do indivíduo em sociedade.

Após um longo período, os historiadores se preocuparam apenas com a coletividade. Todavia, com o advento da História Cultural, o papel desempenhado pelo indivíduo voltou a ocupar um lugar central nos trabalhos acadêmicos. Com isso, o uso da biografia passou a ter relevância nos centros acadêmicos. Nesse sentido, Loriga ressalta a importância da redescoberta do método biográfico para os estudos sobre o “cotidiano” e sobre a “subjetividade” no campo historiográfico:

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico.¹¹

Dessa forma, a História Política de outrora, rica por narrar os grandes acontecimentos, deveria ser sepultada de uma vez por todas. Cabe ressaltar que, a crítica entre a História Política e a História Cultural, que ocorreu na década de 1970, não comprometeu, de forma alguma, os resultados historiográficos, produzidos por ambas as

¹⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 16.

¹¹ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

abordagens. Assim, Souza analisou a crise entre a História Política e a História Cultural dos anos 70: “Os procedimentos por elas utilizados são eficientes e sempre terão lugar nas análises do social.”¹²

Desse modo, as abordagens da História Política, da História Oral e a da História Cultural foram incorporadas pela História Social¹³ como práticas científicas. Para Le Goff:

Uma explicação histórica eficaz deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda a realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos – por exemplo, confrontar a ideologia política com a práxis e os eventos políticos. E toda história deve ser uma história social.¹⁴

Sendo assim, utilizá-la-emos nessa pesquisa como forma de análise social entre o local e o global e o singular e o universal. Nessa direção, Souza aponta que:

(...) a análise dos comportamentos e dos papéis desempenhados pelos atores de um conflito, de uma revolta popular ou mesmo de um ritual, permite apreender o repertório de símbolos e a lógica a partir da qual se organiza a ação social de um grupo ou de uma sociedade. Por essa nova ótica, portanto, aquilo que é considerado como “local” não é mais entendido como o “microcosmo” isolado de uma antropologia clássica. Ele passa a ser compreendido como ponto nodal de um processo e de mecanismos globais.¹⁵

Portanto, a análise social de um grupo ou de uma sociedade permite-nos compreender o papel desempenhado por um único indivíduo durante um determinado conflito, seja de ordem religiosa, seja de ordem política.

¹² SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

¹³ Lima ressalta a importância da abordagem História Social. Partindo da premissa da análise das relações sociais sobre os indivíduos numa determinada sociedade em detrimento uma “história total” que almeja abarcar tudo. Com isso, ele chama atenção para os trabalhos da micro-história como o de Edoardo Grendi. Assim afirma Espada: Algumas questões apareciam de imediato. Em primeiro lugar a necessidade de abordar a questão a partir da história social e não a partir de um ponto de vista um tanto abstrato de uma “história geral”. A ênfase de Grendi estava nas qualidades de uma discussão preocupada em pensar as relações que se estabeleciam entre as realidades econômicas e os movimentos sociais, bem como o lugar dos estudos locais como abordagem privilegiada. Ver em: LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: escala, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 158.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. História e memória. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 13.

¹⁵ SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

Estudar a biografia e as ações do bispo nos permite confrontar as interpretações “objetivas” e “subjetivas”. Ao pensar, em primeiro lugar, na sua atuação como bispo, poderemos compreender os repertórios simbólicos e concretos de suas ações. Sobretudo, em relação ao papel que bispo desempenhou entre o local e o global, ou seja, seu papel como bispo na Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda e como autoridade eclesiástica instituída da Igreja Católica.

Em segundo lugar, entre o aspecto político e o cultural, no que se refere ao seu envolvimento com a política partidária e à sua lógica religiosa, desenvolvida a fim de assegurar sua autoridade quando nos referimos a sua atuação como religioso.

A REDE SOCIAL COMO MECANISMO PARA MAPEAR O PAPEL DESEMPENHO PELO INDIVÍDUO NO TECIDO SOCIAL

Quando nos propomos a estudar a trajetória de vida de D. Waldyr, torna-se interessante pensar a questão relacionada à rede social¹⁶ em que ele estava inserido. Tais como as relações familiares, a formação escolar, a formação religiosa, as estratégias de socialização dentro e fora do seminário. Além da sua ação com o mundo e com a instituição da qual ele fez parte: a Igreja Católica.

Assim, a rede sócio-cultural, em que estava inserido, conectava-se e relacionava-se com a sua rede familiar, com as múltiplas instâncias da Igreja, com os grupos sociais principalmente com os operários da Companhia Siderúrgica Nacional, com o movimento dos leigos e com os militares.

Nesse sentido, buscamos pensar os significados simbólicos de sua experiência por meio da interpretação biográfica. Sendo assim, a análise social e pastoral num sentido mais amplo se desloca para a rede de interação do bispo com outros atores sociais. Desse modo, Souza ressalta que:

A tarefa do pesquisador não é mais descrever as formas das práticas sociais para, a partir delas, deduzir modelos. Também não se espera dele a elaboração de grandes quatros explicativos, fundados em vastos

¹⁶ Um bom exemplo para pensar como a noção de rede social pode nos auxiliar no entendimento das relações sociais desenvolvidas entre o bispo, seus familiares e a instituição católica. Para isso, recorreremos à obra da antropóloga canadense Elizabeth Both, *Família e Rede Social*. Nessa obra, Elizabeth Both faz uma análise das redes sociais em consequência da dinâmica social e das relações entre o indivíduo e os grupos sociais. Isso nos permite compreender o papel em que cada indivíduo ocupa dentro desses grupos e as dimensões sociais de suas ações. Ver em: BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

levantamentos estatísticos. Ele se fixa nos mecanismos socialmente compartilhados que engendram cada comportamento social.¹⁷

Portanto, para entendermos a trajetória do religioso iniciaremos uma narrativa a respeito do despertar desse ator social para a religião. Em vista disso, recorreremos à obra de Elizabeth Both¹⁸. Essa obra torna-se um instrumento teórico relevante para compreender o interesse D. Waldyr pela vocação religiosa.

O trabalho dessa autora nos ajudará a compreender a relação entre as redes e a dinâmica entre um indivíduo e o grupo do qual ele está inserido. Além de nos auxiliar na identificação do papel que esse indivíduo ocupa dentro de um determinado grupo ou instituição. A metodologia utilizada pela autora é uma abordagem antropológica, mas que podemos utilizar nos estudos de trajetórias individuais.

A antropologia social de Both inaugura uma nova maneira de interpretar as relações sociais entre a família, as pessoas alheias e as instituições. Compreender a atividade de um indivíduo por meio da rede familiar não é uma tarefa fácil porque é no núcleo familiar que se observam as expressões não-verbalizadas.

Para Both, ao estudar a rede familiar para investigar as atitudes desempenhadas por cada indivíduo, é necessário por parte do pesquisador um olhar atento sobre os papéis desempenhados pelo analisado, e que estão disseminados em várias instituições. Nesse sentido, Both afirma que:

A vida familiar se desenrola no lar e não nas ruas, nas universidades, nas clínicas, nas escolas, nas igrejas, nas fábricas, ou em quaisquer outras instituições de fácil acesso aos pesquisadores. A menos que sejamos convidados a entrar em um lar, não poderemos aprender muita coisa sobre a família (...).¹⁹

Quando o bispo optou por seguir a vocação religiosa, contou com a colaboração de amigos, de religiosos e de parentes tanto de Muricy em Alagoas, quanto do Rio de Janeiro. Assim, percebemos que os relacionamentos com parentes, amigos e religiosos

¹⁷ SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

¹⁸ Both, antropóloga canadense dedicou-se à psicanálise em Londres – provavelmente em consequência do estudo realizado em Família e rede social – conseguiu com sucesso romper os limites geralmente auto-impostos por cientistas sociais e apresentar um trabalho interdisciplinar importante, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. A própria interdisciplinaridade assumida em todo o processo de elaboração do trabalho oferece perspectiva refrescante para as várias disciplinas voltadas ao estudo da família. Ver em: BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

¹⁹ BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 31.

controlaram não somente os relacionamentos domésticos, mas influenciaram também nos relacionamentos políticos, sociais e religiosos.

O ponto de partida para o início da vocação religiosa do então jovem Waldyr se deu basicamente por quatro motivos:

A) com o incentivo da mãe, Maria Calheiros de Novaes. Porém, ela não era uma “católica fervorosa”, era apenas uma católica de ir às missas aos domingos, mas não em todos e participava de festividades religiosas, como comemoração algum padroeiro. Porém, desejava ter um filho padre. Além disso, a Igreja contribuía para a formação educacional de Waldyr, uma vez que os estudos seriam custeados por essa instituição.

B) Waldyr tinha dois amigos²⁰, Abaeté Cordeiro e Castenor Lima Pinheiro, que estavam estudando para padre e contavam para ele como era a vida de um seminarista, o ambiente de estudos, as retrações e as disciplinas da vida religiosa. No interior de Alagoas isso representava uma novidade, porque possibilitava uma possível ascensão social e intelectual que acabou chamando a atenção do jovem Waldyr.

C) Outro fator que contribuiu foi à colaboração do cunhado Mario Duarte²¹ e da tia Donina Calheiros. Mario Duarte intercedeu com o irmão Clóvis Duarte que era cônego e reitor no seminário em Alagoas. O cônego aceitou e Waldyr começou a cursar o “antigo ginásio”. Terminado essa fase de estudo, veio para o Rio de Janeiro para cursar a Teologia. Onde foi recebido pela sua tia Donina.

A partir do momento em que um indivíduo ocupa um espaço em uma determinada rede social. Essa ocupação se dá por meio de relações sociais, em que não são permitidas modificações, exceto na lógica de certos limites. Por isso, escrever um trabalho centrado em biografias e em interações com as redes é em parte pensar nessas relações, que podem permitir ao indivíduo modificar as leis sociais que regem o próprio grupo e/ou instituição.

²⁰ Esses dois jovens eram pessoas da comunidade da qual pertencia Waldyr Calheiros. As famílias deles conheciam a família de Waldyr o que acabou influenciando diretamente na escolha de Waldyr seguir carreira religiosa. Inclusive Abaeté Cordeiro, por exemplo, seguiu com Waldyr para aprofundar os estudos de Filosofia e de Teologia no Sudeste do país. Enquanto este seguiu para o Seminário São José, no Rio de Janeiro, aquele seguiu para Belo Horizonte. Ver em: NOVAES, Waldyr Calheiros de. Entrevista do D. Waldyr Calheiros de Novaes concedida à Célia Costa, Dulce Pandolfi e Keneth Serbin no período compreendido entre os meses de agosto de 1998 e março de 1999. In: COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 24.

²¹ NOVAES, Waldyr Calheiros de. Entrevista do D. Waldyr Calheiros de Novaes concedida à Célia Costa, Dulce Pandolfi e Keneth Serbin no período compreendido entre os meses de agosto de 1998 e março de 1999. In: COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 23.

AS POSSIBILIDADES ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO INDIVÍDUO

A história oral pode ser entendida como um método da própria História que os historiadores utilizam para se chegar ao conhecimento histórico. Ela também pode ser entendida como uma ferramenta historiográfica que têm duas dimensões: técnica e teórica. Sendo assim, a história oral se relaciona com outras abordagens como a memória, a biografia, a história de vida e com a história do tempo presente.

Os debates sobre o uso da história oral no Brasil datam da década de 1970, mas o entusiasmo por essa modalidade de História passou a ocorrer no país a partir da década de 1990, sobretudo, com a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994. A divulgação da história oral no Brasil se deu por meio dos programas e dos grupos de trabalhos nas Universidades, conforme destacam Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira:

Algumas características básicas da recente produção ligada à história oral no Brasil já podem ser detectadas. E um valioso ponto de referência são os três grandes encontros realizados no país nos últimos anos – o II Encontro Nacional de História Oral (Rio de Janeiro, 1994), o I Encontro Regional da Região Sul-Sudeste (São Paulo/Londrina, 1995) e o III Encontro Nacional (Campinas, 1996).²²

A oralidade atualmente se encontra presente em pesquisas sobre etnicidade, instituição, elite eclesiástica, operária, militar e sobre gênero. Desse modo, o uso da história oral é importante, pois o bispo D. Waldyr fazia parte de uma elite eclesiástica e transitava por organizações civis, militares e religiosas.

Além da importância do uso da história oral, faz-se necessário a aplicação dessa técnica, disciplina ou metodologia devido à escassez de pesquisas sobre o relato de vida desse clérigo. Para Amado e Ferreira as pesquisas sobre relatos de vida, biografia e memória podem utilizar a história oral de três formas distintas:

(...) é possível reduzir a três as principais posturas a respeito do status da história oral. A primeira advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira, uma metodologia. Aos defensores da história oral como técnica interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de

²² AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. IX.

fitas, modelos de organização de acervo etc. Alguns defensores dessa posição são pessoas envolvidas diretamente na constituição e conservação de acervos orais; muitos são cientistas sociais cujos trabalhos se baseiam em outros tipos de fontes (em geral, escritas) e que utilizam as entrevistas de forma eventual, sempre como fontes de informação complementar. Esses nem sempre defendem conscientemente a “postura técnica”; às vezes, tal opção é resultado do tipo de relação que mantêm com a história oral (atendimento a necessidades específicas de pesquisa ou deveres profissionais).²³

Assim, o testemunho de D. Waldyr pode representar o núcleo de investigação dessa pesquisa. Isso nos permite fazer considerações sobre sua atuação que não foram encontradas nem outros trabalhos que citam o bispo e nem nas fontes colhidas no arquivo da Cúria Diocesana em Volta Redonda.

No entanto, o uso do testemunho oral possibilita ao historiador esclarecer trajetórias individuais, processos ou eventos que às vezes são de difícil explicação, ou de serem entendidos ou compreendidos sem os recursos da história oral – o uso das entrevistas. A história oral contribui para o resultado da documentação produzida pelo historiador. Essa documentação pode ser considerada singular. Porque cada entrevista possui uma característica específica.

A entrevista é o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre o sujeito e o “objeto de pesquisa”, se é que podemos considerar um indivíduo como objeto de estudo, uma vez que ele não é estático, mas se relaciona com outros indivíduos no cotidiano e têm emoções que os move para um contexto social do qual se encontra inserido.

Assim, o historiador que se proponha a fazer pesquisa sobre biografia, memória e relatos de vida, não necessariamente buscará interpretações sobre o passado numa rígida documentação em arquivo, mas buscará caminhos alternativos de interpretações para legitimar sua narrativa histórica.

Se levarmos em consideração o uso frequente das entrevistas nas histórias de vidas individuais, veremos que as pesquisas com história oral aludem quase que diretamente para o campo da memória. Dessa forma Amado e Ferreira ressaltam que:

(...) a pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vistas individuais, expressos em entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de

²³ AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. XII.

outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos -, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (...)²⁴

O uso da história oral na busca da memória de um indivíduo pode ser considerado como algo de “foro íntimo”, por isso, deve ser estudado individualmente, uma vez que o indivíduo recorda algo da sua própria individualidade. Mas também, não impede que a história oral seja utilizada na busca de uma memória coletiva, a fim de estudar um grupo de pessoas ou uma comunidade numa determinada realidade social. Refletindo acerca da memória, Michael Pollak afirma que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.²⁵

Os elementos constitutivos da memória individual diferenciam em parte dos elementos constitutivos da memória coletiva. Isso porque o relato de vida de um indivíduo se baseia em experiências e acontecimentos vividos individualmente, ao passo que na memória coletiva, em as experiências e os acontecimentos vivenciados em grupos.

Assim sendo, há por parte dos atores sociais uma sensação de pertencimento dos elementos constitutivos. Os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade não se dão da mesma forma daqueles vividos por um único indivíduo, isso porque nem todos os indivíduos que pertencem ao grupo participaram dos acontecimentos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade, mas os acontecimentos vivenciados na coletividade ganham relevo no imaginário dos atores envolvidos. Desse modo, com o passar do tempo fica quase impossível saber se todos participaram ativamente dos eventos.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, histórica ou religiosa, ocorra um fenômeno de identificação com um determinado passado, que podemos pensar numa memória quase que herdada. Pois, o tempo pode ser considerado uma matéria-prima da história, por isso deve ser objeto de análise historiográfica. Nesse sentido Marcelo Rede afirma que:

²⁴ AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. XIV- XV.

²⁵ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

Entre a temporalidade sentida e vivida pelas sociedades do passado e a temporalidade academicamente aceita e praticada pela historiografia moderna, interpõe-se um fluxo inesgotável de tempos que podem estabelecer, entre os dois pólos, quer continuidades, quer rupturas. Nada assegura, portanto, que os padrões temporais com que trabalham os historiadores sejam equivalentes ou compatíveis com aqueles que estabeleceram as balizas da experiência existencial dos indivíduos e grupos estudados.²⁶

Assim, como a história oral pode ser considerada a narração ou o testemunho sobre o passado, a memória de um indivíduo ou de um grupo também pode significar para o historiador a presença de acontecimentos recentes próximo ao seu tempo.

Nesse sentido, tanto a história oral quanto a memória são reconstruções psíquicas e intelectuais que acarretam representações seletivas do passado, mas de um passado no qual o indivíduo esteja inserido dentro de um contexto familiar, institucional, social, nacional e internacional.

UMA PEQUENA BIOGRAFIA DO BISPO D. WALDYR CALHEIROS DA NOVAES

O bispo Waldyr Calheiros de Novaes nasceu no dia 28 de julho de 1923, em uma pequena cidade chamada Murici, no estado de Alagoas. De uma família numerosa, filho de Modesto Correia de Novaes e Maria Calheiros de Novaes, o bispo possuía seis irmãos, quatro homens e duas mulheres. Waldyr é o quinto na hierarquia dos irmãos.

Seu pai era proprietário de um pequeno sítio, onde a família residia. A propriedade ficava situada cerca de 6 km da cidade de Murici, produzia lavoura de subsistência, na qual plantavam inhame, batata, milho e, também cultivava cana-de-açúcar para uma usina daquela região, chamada Utinga Leão.

Nessa época, Waldyr tinha 12 anos, mas já ajudava o pai nessa propriedade. Transportava cana-de-açúcar. O menino Waldyr era responsável por guiar os bois com as canas e ajudar o pai a colocá-las no vagão do trem.

A produção do sítio girava em torno de 15 toneladas de cana por semana durante a época da safra. O bispo relata que durante a colheita presenciava a agonia de seu pai, porque o controle de pesagem do produto ficava a cargo da usina.

²⁶ REDE, Marcelo. A Construção do passado nas crônicas assiro-babilônicas. In: PIRES, Francisco Murari (Org.). **Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história**. São Paulo: Alameda, 2009. p.73-85.

Acontece que não havia como exercer o controle sobre a pesagem da cana, que era feita pela própria usina. Tinha-se de aceitar o que eles declarassem. Era decepcionante a defasagem do peso. E não se podia contestar. À noite, à cabeceira da mesa de jantar, meu velho pai ficava triste, punha as mãos na cabeça de lamentando. Encheram um vagão de 15 toneladas, e o resultado da pesagem só acusava nove, 10 toneladas.²⁷

O pai de Waldyr também era proprietário de um pequeno armazém na cidade, onde comercializava produtos como cachaça, pão e querosene, esse último era importante para o abastecimento das fazendas da região, uma vez que não havia eletricidade. Além disso, a família possuía uma casa que era utilizada para pernoite após um dia de trabalho no armazém e para que os filhos tivessem um lugar para residirem até concluírem os estudos iniciais.

A escola funcionava na própria casa da professora, as aulas eram particulares. Nessa escola ensinava-se a ler e a escrever. Mas a professora sendo católica, introduzia em suas aulas os ritos do catolicismo como as orações da Ave-Maria, do Pai-Nosso e do Credo.

Quanto à religiosidade, a família do bispo era considerada católica não praticante, não tinham o hábito de ir às missas aos domingos. Seus ritos se limitavam à oração do terço e às procissões de padroeiros: “Meu pai (...) Na sexta-feira da Paixão, vestia uma daquelas túnicas brancas para carregar o Senhor Morto. Só participava dessa festa.”²⁸

Ao terminar seus estudos iniciais na vila de Murici, Waldyr foi cursar o Seminário Menor e a Filosofia no Seminário Nossa Senhora da Assunção, na Arquidiocese de Maceió. Logo após o término desses estudos, transferiu-se para o Seminário São José, no Arquidiocese do Rio de Janeiro, para cursar a Teologia.

Sua ordenação sacerdotal ocorreu em 25 de julho de 1948, o primeiro trabalho do novo padre foi atuar no próprio seminário, como mestre de disciplina dos iniciantes, como diretor espiritual (lecionando para todos os níveis de ensino), até chegar à posição de vice-reitor.

²⁷ NOVAES, Waldyr Calheiros de. Entrevista do D. Waldyr Calheiros de Novaes concedida à Célia Costa, Dulce Pandolfi e Keneth Serbin no período compreendido entre os meses de agosto de 1998 e março de 1999. In: COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda**: memórias de Dom Waldyr Calheiros. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 10.

²⁸ NOVAES, Waldyr Calheiros de. Entrevista do D. Waldyr Calheiros de Novaes concedida à Célia Costa, Dulce Pandolfi e Keneth Serbin no período compreendido entre os meses de agosto de 1998 e março de 1999. In: COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda**: memórias de Dom Waldyr Calheiros. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 22.

Além de atuar na formação de futuros padres, também desenvolvia atividades de padre auxiliar do pároco monsenhor McDowell, da paróquia de São Francisco Xavier, na Tijuca, onde teve os primeiros contatos com a Juventude Operária Católica (JOC)²⁹, movimento fundado pelo sacerdote belga José Cardijn³⁰ em 1923, e com a Ação Católica Independente (ACI)³¹.

Depois de nove anos atuando no seminário o padre Waldyr foi designado pároco titular da Igreja São Francisco Xavier, pelo então cardeal arcebispo da arquidiocese do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, em 1957.

Em 1964, tornou-se bispo auxiliar de D. Jaime, a ordenação ocorreu no dia 1º de maio de 1964, aos 40 anos de idade. A escolha feita por D. Waldyr dessa data demonstra simbolicamente a sua sensibilidade com relação à causa operária, pois se comemora, de acordo com a Igreja Católica, o dia de São José Operário (santo considerado pela Igreja como patrono dos trabalhadores) e se festeja o Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador, uma data comemorativa, usada para celebrar as conquistas dos trabalhadores ao longo da história do trabalhismo.

Com a saída de D. Altivo, que foi transferido para a Diocese de Araçuaí/MG, vagou-se a Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda. Assim, D. Jaime nomeou o bispo Waldyr para assumir essa Diocese como titular. Sendo assim, no dia 08 de dezembro de 1966, D. Waldyr tomou posse por duas vezes, pela manhã em Barra do Piraí, na Catedral de Santana, e à tarde em Volta Redonda, na Co-Catedral de Nossa Senhora das Graças. A segunda foi considerada a posse oficial, pois é em Volta Redonda, a residência oficial do bispado.

²⁹ Azzi e Grijp ressaltam que no Brasil os primeiros grupos da Juventude Operária Católica tiveram início na década de 1930. Ver em: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja Católica no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis: Vozes 2008. p. 111.

³⁰ O sacerdote José Cardijn visitou o Brasil por várias vezes como fundador da JOC e como animador internacional desse movimento, promovendo diversos encontros regionais com os assistentes nacionais da JOC, em uma dessas visitas D. Waldyr teve a oportunidade de encontrar com o sacerdote. Porém, esse encontro não se resumiu a apenas uma oportunidade, pois D. Waldyr resalta que também esteve com o sacerdote Cardijn no Concílio do Vaticano II, ocorrido entre os anos de 1962 a 1965. Ver em: COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda**: memórias de Dom Waldyr Calheiros. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 39.

³¹ A Ação Católica é uma participação na missão apostólica da Igreja; portanto, uma participação na dos bispos. Isso implica a noção de mandato atribuído pela hierarquia aos movimentos e aos militantes, bem como a independência desses movimentos em relação aos partidos políticos e aos sindicatos. Sem dúvida, o engajamento temporal dos militantes é requerido, mas é de ordem pessoal. Os bispos dão prioridade à evangelização. A ACI (Ação Católica dos Meios Independentes) surge um pouco depois. COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja**: Do século XV ao século XX. São Paulo: Edições Loyola, 1995. 2 V. p. 201.

O motivo de ter ocorrido duas cerimônias, está relacionado ao fato de Barra do Piraí já havia sido a sede da diocese que posteriormente foi transferida para Volta Redonda. Essa transferência se deu devido a dois fatores: em primeiro lugar, porque Volta Redonda estava se desenvolvendo rapidamente, com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN); em segundo lugar, a cidade de Barra do Piraí se encontra geograficamente equidistante dos outros sete municípios que compunham a diocese.

A CHEGADA DE DO BISPO D. WALDYR CALHEIROS À DIOCESE DE BARRA DO PIRAÍ/VOLTA REDONDA

Ao chegar a Volta Redonda, o bispo encontrou aspectos sociais e religiosos que interferiam diretamente na cidade e na Igreja local. Em primeiro lugar, o bispo deparou-se com uma cidade politicamente emancipada, mas que ainda não havia se concretizado na prática a transição dos serviços públicos e sociais da CSN para o município. A CSN ainda prestava serviços na conservação da cidade, na limpeza de ruas, no transportes, no lazer, na cultura, na segurança pública e na manutenção do hospital da empresa que também atendia a população, até porque maioria dos moradores da cidade tinha vínculo direto ou indiretamente com a CSN.

D. Waldyr encontrou o Círculo Operário e o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda atrelados aos interesses corporativistas da CSN. O crescimento dos movimentos de massa obrigava a companhia a acirrar o conservadorismo sobre a organização desses movimentos. Com isso, o “circulismo” e o sindicato se transformam num forte instrumento de controle social.

O quadro político que estava instalado em Volta Redonda após o golpe civil-militar de 1964, envolvia os movimentos de massa, principalmente, o movimento operário, pois desde a década de 1960 havia sido inaugurada novas possibilidades de ação desses movimentos. À medida que esses os operários rechaçavam a política trabalhista imposta pela CSN, eles estavam contrários à política do Estado, pois a companhia era estatal, desse modo fazia-se necessário o uso de seu aparato repressivo para barrar a ação dos movimentos de massa.

Ele encontrou também a Diocese composta na sua grande maioria por operários, que aos poucos, estavam se desvinculando da CSN, porque a companhia se utiliza de todo o instrumento de opressão para controlar as tensões existentes entre trabalho e capital. Nessa direção Alejandra Estevez aponta:

Diante de uma diocese composta majoritariamente por um apostolado operário e numa cidade onde as tensões entre o capital e o trabalho são iminentes, o novo bispo tomava contato com experiências de forte controle dos trabalhadores por parte da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e ao mesmo tempo com uma história de lutas e embates do movimento operário com a empresa e o Estado.³²

Em segundo lugar, o bispo recém chegado, encontrou a Diocese numa relação de proximidade entre o púlpito e a cúpula da CSN, isto é, entre a Igreja e a companhia siderúrgica. Essa aproximação vinha ocorrendo desde que a empresa entrou em operação em 1946. Tanto é assim que foi a companhia que bancou os custos com a transferência da Cúria Diocesana de Barra do Piraí para Volta Redonda.

Todavia, essa política harmoniosa entre as instituições visava à legitimação do poder de ambas. Se de um lado a Diocese recebia o apoio logístico e financeiro para a manutenção de sua infraestrutura e assim poder expandir sua abrangência religiosa junto aos trabalhadores, por outro lado, a CSN recebia da Igreja a legitimidade religiosa de que precisava a fim de potencializar a subordinação da classe operária.

Em terceiro, pode ser destacado um movimento clerical que estava ocorrendo no país e conseqüentemente afetava a Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda. Esse movimento começou a ocorrer a partir da década de 1960 e estava relacionado com as dissidências internas e com a incongruência entre as mudanças na sociedade e a permanência das proibições aos sacerdotes. O celibato é um dos fatores que levou ao esvaziamento dos seminários, já que muitos padres discordavam do celibato obrigatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, em face ao autoritarismo do regime militar, os movimentos sociais apoiados pela Igreja começaram a se opor, de forma mais incisiva, a maneira como o novo regime conduzia a política no país. Em Volta Redonda, D. Waldyr passou a contestar a política autoritária do regime vigente. Isso fez com que os militares acompanhassem de perto o trabalho desenvolvido pela Igreja local, principalmente, a relação do bispo com classe operária da CSN, à medida que o clérigo tomava

³² ESTEVEZ, Alejandra. **O Caso JUDICA e as estratégias de conquista de hegemonia entre Igreja e Estado durante a Ditadura Militar.** In: ANAIS DO III SIMPÓSIO DE PESQUISA ESTADO E PODER: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE HEGEMONIAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO, 3., 2011, Marechal Cândido Rondon. Anais... Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2011. p. 15-32.

conhecimento da política repressiva do Estado, rechaçava a política trabalhista imposta pela companhia.

Com a oposição desses trabalhadores à siderúrgica e da estreita relação deles com a diocese, a direção da empresa passou a fazer o uso do aparato repressivo do Estado para impossibilitar a ação dos movimentos de massa.

Sendo assim, a Igreja Católica, por meio do bispo D. Waldyr, se fez presente. Seja na questão política ou social, quando o bispo atuou junto ao Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, aos movimentos religiosos e sociais, seja na defesa dos direitos humanos e contra a transgressão dos direitos individuais, por causa das ações desencadeadas pelos militares contra diocesanos e leigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja Católica no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964**. Petrópolis: Vozes 2008.

BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BURK, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

COMBY, Jean. **Para ler a História da Igreja: Do século XV ao século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. 2 V.

COSTA, Célia Maria Leite; PANDOLFI, Dulce Chaves; SERBIN, Keneth (Orgs.). **O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ESTEVEZ, Alejandra. **O Caso JUDICA e as estratégias de conquista de hegemonia entre Igreja e Estado durante a Ditadura Militar**. In: ANAIS DO III SIMPÓSIO DE PESQUISA ESTADO E PODER: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE HEGEMONIAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO, 3., 2011, Marechal Cândido Rondon. Anais... Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2011. p. 15-32.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escala, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REDE, Marcelo. A Construção do passado nas crônicas assiro-babilônicas. In: PIRES, Francisco Murari (Org.). **Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história**. São Paulo: Alameda, 2009. p.73-85.

SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR**, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

Artigo aprovado pela Prof^ª Dra. Maria Ângela de Faria Grillo em 15/12/2013.